Acta Scientiarum

http://periodicos.uem.br/ojs/acta
ISSN on-line: 1983-4683
Doi: 10.4025/actascilangcult.v40i2.37413

LITERATURA / LITERATURE

Literatura e suicídio: alguns operadores de leitura

Willian André

Universidade Estadual do Paraná, Av. Comendador Norberto Marcondes, 733, 87303-100, Campo Mourão, Paraná, Brasil. E-mail: willianandreh@hotmail.com

RESUMO. O objetivo deste artigo é oferecer alguns possíveis operadores de leitura para o desenvolvimento de análises sobre a questão do suicídio na literatura. A proposta parte da constatação de que, apesar de o autoaniquilamento ser um tema recorrente em manifestações literárias das mais diversas épocas, parecemos não possuir uma tradição de estudos que o contemple com maior atenção. Diante desse problema, e tentando não incorrer em uma sistematização estanque, desenvolvemos aqui algumas reflexões sobre possibilidades de abordagem e direcionamentos teórico-críticos, com o intuito de contribuir para a elaboração de um campo consistente de análise do suicídio em estudos sobre literatura e outras manifestações artísticas.

Palavras-chave: suicídio; literatura; operadores de leitura.

Literature and suicide: reading operators

ABSTRACT. This article aims at offering some possible reading operators for the development of analyzes on the issue of suicide in literature. The proposal rises from the verification that, despite self-destruction being a constant subject in literary manifestations from the most diverse times, we seem not to have a tradition of studies looking at it with greater attention. In face of such problem, and trying not to build a rigid systematization, we develop here some reflections on possibilities of approach and theoretical and critical directions, hoping to contribute for the elaboration of a consistent field of analysis of suicide in studies on literature and other artistic manifestations.

Keywords: suicide, literature, reading operators.

Introdução

Com a mesma constância que, em textos literários de autores e épocas diversas, aparece a questão do suicídio, também a atividade crítica se debruça sobre o assunto à medida que o objeto contemplado o pede. Afinal, sendo o tema de grande expressão – por exemplo, em muitos poemas de Sylvia Plath, ou em um romance como *A redoma de vidro* (2014), um olhar sobre a questão da morte voluntária será inevitavelmente requisitado, a depender da proposta analítica que se empreenda. O mesmo pode ser dito sobre os romances *O náufrago* (1996), de Thomas Bernhard, e *As virgens suicidas* (2013), de Jeffrey Eugenides, para nos atermos a um mínimo de exemplos bastante óbvios.

Em face dessa constatação e considerando: i) que a crítica deve sempre se mover conforme as necessidades que o texto literário lhe impõe – pois é o objeto tratado que determina qual o melhor aporte teórico-crítico para se contemplá-lo, quais as melhores abordagens, as possibilidades de leitura, etc.; ii) que devemos, sempre que possível, evitar a rigidez de esquematizações analíticas, quando estas se transformam em macroestruturas a serem sobrepostas ao material estudado, quase sempre o distorcendo ou amputando-o para que se adeque às arestas pouco flexíveis do esquema; iii) que, não observando essas duas considerações, corremos o risco de cair na armadilha das camisas-de-força teórico-críticas, contradizendo a maleabilidade que deve ser predominante em nossa área de estudo; pode parecer desnecessária, quando não equivocada, a proposta deste trabalho: oferecer uma sistematização sobre alguns possíveis operadores de leitura que se nos apresentam quando abordamos a questão do suicídio na literatura.

A tarefa em pauta consiste em desdobramento de estudos que temos realizado sobre o assunto. A justificativa para o recorte temático, aqui apenas a sumarizamos, porquanto já a apresentamos em outro lugar[1]: seguindo na esteira da proposta de A. Alvarez em *O deus selvagem: um estudo do suicídio* (1999), consideramos ser a área dos estudos literários, quando emparelhada com outros campos do conhecimento, que trazem à pauta a questão do autoaniquilamento, uma das que melhores

[1] André & Souza (2017). Outras questões já esboçadas nesse estudo serão eventualmente retomadas aqui.

condições apresentam para a compreensão e estudo do tema, haja vista a sensibilidade com que o trato literário o carrega, e a diversidade de situações e configurações que ele assume no bojo ficcional, poético e dramático – possibilitando, em última instância, a composição daquilo que temos chamado de 'mosaico suicidológico'.

Ainda que o argumento possa ter força, parece não haver uma tradição de pesquisa em literatura sobre o tema do suicídio. Apenas a título de exemplo: Fernando Rey Puente, organizador do livro *Os filósofos e o suicídio* (2008)[2], faz, no ensaio de sua autoria que introduz o volume, a seguinte observação:

> [...] nosso objetivo aqui é abordar apenas e tão-somente o problema 'filosófico' do suicídio e não seu desdobramento em outros planos, tais como o sociológico, o médico, o jurídico, o psicanalítico, o antropológico, o histórico ou o religioso (Puente, 2008, p. 12, grifo do autor).

O autor enumera áreas do conhecimento que se dedicam ao estudo do suicídio: filosofia, sociologia, medicina, direito, psicologia, antropologia, história, teologia, mas fica ausente, nesse grupo, a literatura.

O possível contra-argumento de que o tema da morte voluntária, apesar disso, é de interesse crescente no campo dos estudos literários é fraco, e o mesmo vale para a interpretação que aponta a presença constante do suicídio como desdobramento de temas afins, tais como melancolia, luto e absurdo. Primeiro, porque aqueles sempre possíveis casos de estudos sugeridos em nosso primeiro parágrafo acabam quedando 'isolados'. Segundo, porque não se trata, aqui, de pensar o autoaniquilamento como tema 'coadjuvante'. É certo que outros temas podem e devem ser convidados ao diálogo, mas uma breve pesquisa em bancos de dados acadêmicos, utilizando a palavra 'suicídio' ou outras expressões que carregam o mesmo direcionamento semântico, e filtrando apenas estudos de literatura, é suficiente para mostrar que não possuímos algo como uma 'cultura' ou uma 'sistematização' do estudo do suicídio na área.

É justamente esse o problema que tentamos, aqui, de alguma forma, diminuir: nosso intuito é menos o de propor uma sistematização rígida a ser aplicada sem os devidos processos reflexivos do que o de oferecer alguns possíveis direcionamentos para análises, sempre considerando a possibilidade de trocas produtivas com outros temas e outras áreas do conhecimento, mas sem perder de vista que a questão da morte voluntária protagoniza a proposta como um todo.

Uma nota sobre o método

Já observamos que a presença do autoaniquilamento em obras literárias é uma constante: ele aparece desde as manifestações da Grécia Antiga até as produções mais recentes do século 21. Visto nesse conjunto, o tema se nos mostra em caráter de mosaico: seja tratado em primeiro plano, seja em tímidas aparições, o encontramos, do contexto estrangeiro ao nacional, a exemplo de outros temas que similarmente carregam certa 'universalidade' e 'atemporalidade', em autores tão diversos quanto Sófocles, Dante, Shakespeare, Donne, Rousseau, Goethe, Radcliffe, Flaubert, Balzac, Mary Shelley, Byron, Dostoiévski, Tolstói, Stevenson, Wilde, Márai, Sá-Carneiro, Faulkner, Hemingway, Woolf, Beckett, Pavese, Plath, Sexton, Arthur Miller, Di Benedetto, Achebe, Perec, Bernhard, Carrère, Eugenides, Bukowski, D. F. Wallace, Kane, Asher, Munro, McCarthy, Álvares de Azevedo, Guimaraens, Drummond, Lispector, Rubem Fonseca, Evandro Affonso Ferreira, Mário Bortolotto, Daniel Galera, Ricardo Lísias, André de Leones...

A crítica literária sobre o suicídio, por conseguinte, deve refletir essa mesma estrutura de mosaico, a começar pela observação de que não há imperativos determinando que se deva priorizar aqueles textos que trazem a morte voluntária como tema principal, e menos ainda as produções de autores que optaram por tirar suas vidas: o estabelecimento do *corpus* cabe às preferências e motivações do pesquisador. Essa observação estabelece, de certa forma, o método adotado para o desenvolvimento deste estudo. Nas próximas páginas, o leitor encontrará uma visada bastante abrangente sobre a presença do autoaniquilamento em diversas obras literárias, e mesmo em outras provenientes de manifestações artísticas diversas. Dada a abrangência, por vezes cometeremos o 'pecado' de permanecer na superfície, mas há de se observar que o objetivo, aqui, não é oferecer aprofundamento, e sim alguns encaminhamentos analíticos.

Quanto ao critério de seleção das obras e aportes teórico-críticos que figuram em tais indicações, o mesmo preceito é obedecido: como a proposta pretende estabelecer uma visão geral, a escolha dos autores e textos foi arbitrária, tomando por base nosso arcabouço de leituras e a extensão limitada do

[2] De grande pertinência, o volume em questão, consequência de uma disciplina sobre o problema filosófico do suicídio ministrada em 2006 pelo autor na Graduação do curso de Filosofia da UFMG, reúne um conjunto de dez textos de épocas e filósofos diversos (alguns deles, inclusive, possuidores de grande afinidade com a literatura): Platão, Plotino, Sêneca, Tomás de Aquino, Montaigne, Hume, Rousseau, Schopenhauer, Mainländer e Raimundo de Farias Brito, todos tratando do tema em questão. Além disso, o ensaio introdutório de Puente, 'O suicídio e a filosofia', oferece um panorama geral sobre a história do suicídio no âmbito da filosofia.

suporte (artigo) para a composição do estudo. Uma vez determinados os nove possíveis caminhos que são explorados a seguir, procuramos encontrar exemplos diversos para ilustrá-los, tentando contemplar produções de períodos variados, e transitando entre casos que são notadamente (re)conhecidos e outros que possuem pouca expressão na esfera acadêmica. Queremos dizer, com isso, que, para cada um dos nove operadores de leitura aventados, outros autores e obras poderiam ter sido selecionados, a título de exemplificação, sem prejuízos para a proposta. Não há, nesse sentido, qualquer determinante histórico ou de outra ordem por trás de nosso critério de seleção.

Por fim, devemos retomar a ressalva inscrita no segundo parágrafo de nossa introdução. Ao mesmo tempo em que ressaltamos os aspectos negativos constantes na elaboração de um sistema analítico estanque, não deixamos de realizar, aqui, empresa semelhante. Se insistimos na proposta, é porque, conforme argumentos já apresentados, entendemos que a pesquisa sobre o autoaniquilamento em estudos literários carece de direcionamentos mais sistematizados, contexto em que a organização de alguns encaminhamentos analíticos pode vir a contribuir mais do que prejudicar, desde que mantida alguma flexibilidade no esquema. Quanto a esta, procuramos preservá-la por meio dos princípios de abrangência, maleabilidade e liberdade de escolha assinalados logo acima.

Possibilidades de análise

a) Iniciemos pela representação do suicídio em obras literárias. O romance *O bigode* (2003), de Emmanuel Carrère, conta a história de um personagem que, tendo decidido raspar o bigode que lhe era adereço costumeiro, se espanta com o fato de ninguém notar a diferença – incluindo Agnes, sua esposa. Quando decide questionar abertamente a respeito, fica estupefato com a resposta de todos que o conhecem: 'bigode? Mas você nunca usou bigode'. A partir daí, o protagonista inicia uma jornada que vai da insanidade à teoria da conspiração, embrenhando-se em uma tentativa de fuga de um mundo que, antes conhecido, parece-lhe agora completamente estranho. Na última cena do romance, de barba crescida e hospedado em um hotel em Hong Kong, inexplicavelmente acompanhado pela esposa que abandonara há dias – e que desconhecia seu paradeiro –, o personagem se coloca diante do espelho do banheiro e começa a se barbear. De rosto limpo, investe a navalha contra a própria pele, e passa a abrir retalhos no rosto: "[...] passou a fazer os cortes sem a preocupação de que fossem perfeitos, cerrando os dentes para não gritar, sobretudo quando a navalha atingiu a gengiva" (Carrère, 2002, p. 139). As linhas finais da narrativa apresentam a seguinte descrição:

> Quando compreendeu que iria, forçosamente, se asfixiar e que não poderia jamais terminar dessa maneira, arrancou a navalha encravada no osso, temendo não ter mais forças para levá-la até o seu pescoço. Mas ele conseguiu chegar lá, ainda estava consciente. Apesar dos movimentos fracos, da contração violenta e espasmódica de todo o seu corpo, que deixava seu braço mole, ainda assim, e sem ver nada, ele cortou debaixo de seu queixo, de uma orelha à outra, o espírito determinado até o último segundo, atento ao gorgolejar do sangue que jorrava, atento aos espasmos das pernas e do ventre, sobre o qual o espelho tombou, atento e, finalmente, apaziguado pela certeza de que agora tudo estava acabado, de volta à ordem (Carrère, 2002, p. 140).

A atitude do personagem consiste no último passo de sua fuga do absurdo que se instalara ao seu redor. As incisões iniciais sobre o rosto transformam-se num prolongamento do ato de barbear-se. Como fora o bigode o elemento instaurador de sua condição absurda, ele tenta expurgá-lo até o mais fundo de sua carne. O único apaziguamento possível, todavia, só é conseguido levando o ato ao extremo do suicídio. Apesar de o romance ser narrado em terceira pessoa, o foco narrativo se coloca claramente sobre o protagonista, e a cena derradeira, a exemplo de todo o texto, é construída com um teor naturalista: o suicídio é descrito explicitamente, com detalhes. O naturalismo no andamento da narrativa, aqui, cumpre o papel de exasperar ainda mais o contraste de toda a situação implantada de partida: o cuidado no detalhamento das cenas – como se para imprimir alguma lógica ao fato narrado – esbarra na total falta de lógica que envolve a atmosfera do romance. Na adaptação cinematográfica do livro, dirigida pelo próprio Carrère, o desfecho é diferente (mas tão inusitado quanto o original): o personagem não comete suicídio. Após se barbear, ele volta para a cama e deita ao lado de sua esposa – que se tornara, gradativamente, uma estranha para ele.

Já em um poema como 'Ismália' (originalmente publicado em 1923, no livro *Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte*), de Alphonsus de Guimaraens, um possível efeito naturalista é suplantado pelo trato poético que conduz a apresentação da morte da personagem, que se joga ao mar:

> Ismália
>
> Quando Ismália enlouqueceu,
> Pôs-se na torre a sonhar...

> Viu uma lua no céu,
> Viu outra lua no mar.
>
> No sonho em que se perdeu,
> Banhou-se toda em luar...
> Queria subir ao céu,
> Queria descer ao mar...
>
> E, no desvario seu,
> Na torre pôs-se a cantar...
> Estava perto do céu,
> Estava longe do mar...
>
> E como um anjo pendeu
> As asas para voar...
> Queria a lua do céu,
> Queria a lua do mar...
>
> As asas que Deus lhe deu
> Ruflaram de par em par...
> Sua alma subiu ao céu,
> Seu corpo desceu ao mar...
> (Guimaraens, 2001, p. 45).

Em vez de uma simples descrição feita por alguém que assiste ao suicídio 'de fora', a repetição que rege o andamento do poema e a constante associação entre o céu e o mar permitem-nos um mergulho na interioridade de Ismália, construindo um retrato de sua 'loucura'. Em primeiro nível, o resultado se traduz em uma composição subjetiva que suplanta a objetividade da cena, sem deixar de conferir uma representação do suicídio da personagem, construída em termos mais líricos. Mais profundamente, se inscreve nos versos do poema certo contraste (paradoxalmente complementar) entre a ânsia de Ismália pelo absoluto e seu movimento de autodestruição, metaforizados, por exemplo, pelas constantes indicações espaciais 'lua' x 'torre' e 'céu' x 'mar'. A fusão entre essas duas instâncias se realiza conforme avançamos para as últimas duas estrofes do poema, que envolvem o voo de sua alma (rumo ao absoluto) e a precipitação de seu corpo (rumo à morte autoinfligida).

Ainda um terceiro exemplo: a peça *Homens, santos e desertores* (2003), de Mário Bortolotto, apresenta uma série de cenas envolvendo um Garoto e um Homem, sempre na casa deste. A situação retrata o encontro conflituoso de dois personagens pertencentes a gerações diferentes, que sempre se sentiram *outsiders*, e a ânsia do mais novo, que procura por alguma espécie de ensinamento ou 'caminho a seguir', contrastando com a relutância e inaptidão do mais velho em assumir esse papel de 'professor'. Ao final da peça, o Homem dirige palavras amargas ao Garoto, que vai embora desiludido. O texto é encerrado com a seguinte indicação de palco:

> Garoto coloca a mochila nas costas e vai saindo. Para na porta. Se volta para Homem. Homem senta em uma cadeira. Garoto repentinamente decidido sai bruscamente. Homem coloca uma música muito alta. Luz vai caindo. Ouve-se o estampido de um tiro abafado pela música excessivamente alta (Bortolotto, 2003, p. 80).

Nesse caso, não temos uma apresentação naturalista ou um tratamento poético do ato, como nos anteriores. O suicídio do Homem, com um tiro, não é representado no palco, devendo então, de certa forma, ser entendido como um elemento extracênico. Mas, ainda que apresente proximidade, não se trata também daquele recurso frequentemente utilizado, como no caso de uma Jocasta (Sófocles, 2005) ou de uma Lady Macbeth (Shakespeare, 2008a), cujos suicídios não ocorrem em cena: tomamos ciência deles posteriormente, pelas palavras de personagens que apenas anunciam a catastrófica notícia de suas mortes. Tragédias como *Édipo Rei* e *Macbeth* se furtam intencionalmente à representação do suicídio[3]. Já no caso da peça de Bortolotto, parece o contrário. A supressão da interpretação explícita da morte voluntária do Homem e sua substituição pelo som abafado do estampido do tiro atuam, contraditoriamente, como intensificadores do efeito que se pretende explorar – porquanto a sugestão de uma ação, em alguns casos, se investe de força ainda maior do que a ação em si. Dessa forma, podemos entender que, de modo pouco usual, a última cena de *Homens, santos e desertores* carrega uma representação do suicídio construída sobre a supressão da encenação do ato em si, e com o auxílio de elementos (até certo ponto) extracênicos.

Colocamos lado a lado essas possibilidades de representação da morte voluntária em manifestações literárias visivelmente distintas para indicar a variedade de direcionamentos que se apresenta a uma abordagem analítico-interpretativa da representação do ato. Um estudo desse tipo pode, ainda, ir mais adiante, promovendo uma investigação sobre como as escolhas estéticas empregadas na representação ajudam a compreender as motivações e circunstâncias que levam uma pessoa ao autoaniquilamento.

b) Quanto à questão da influência do ato derradeiro sobre a imaginação criativa, podemos pensar no caso de Sylvia Plath, que é um dos mais

[3] O que não deve ser compreendido como uma regra. *Otelo* (Shakespeare, 2008b), por exemplo, apunhala-se mortalmente, jogando-se sobre o corpo de Desdêmona, morta por ele instantes antes, e ambas as cenas se dão sobre o palco. O mesmo vale para o sempre lembrado exemplo de *Romeu e Julieta* (Shakespeare, 2008c), que também se suicidam em cena – esta com o punhal, aquele com veneno.

emblemáticos a esse respeito. A escritora cometeu suicídio em fevereiro de 1963, por asfixia, ao deitar-se com a cabeça dentro do forno da própria cozinha. Tentativas anteriores haviam precedido a derradeira. Conforme costuma apontar a fortuna crítica sobre a autora, a morte – alcançada voluntariamente – viria a interromper sua fase mais criativa e mais produtiva, num período em que ela escrevia diariamente, e que legou à posteridade alguns de seus melhores poemas. Da mesma forma, a morte (o suicídio, em especial) era abordada em sua produção cada vez mais intensamente. A situação parece conter um movimento paradoxal, tendo o autoaniquilamento por epicentro: ao mesmo tempo em que atuava como força motriz para os processos composicionais de Plath, influenciando diretamente sua imaginação criativa, a ação contida no tema se lhe afigurava cada vez mais real e inescapável, inclinando-a ao suicídio. A necessidade de repetir constantemente uma espécie de 'ritual de morte', tanto em sua vida – conforme atestam suas tentativas de encerrá-la – quanto em sua obra – como mostram, por exemplo, os seguintes versos do poema 'Lady Lazarus': "Tentei outra vez./ Um ano em cada dez/ (...)/ Esta é a Número Três./ Que besteira/ Aniquilar-se a cada década." (Plath, 2010, p. 45), talvez numa tentativa de expurgá-la em definitivo, acabou por fazer do autoaniquilamento sua matéria literária mais cara, e também a única conclusão possível para sua vida. Escritores como Anne Sexton, David Foster Wallace e Sarah Kane parecem ter se enredado nos mesmos processos.

c) Plath, por consequência, também é um bom exemplo para pensarmos os possíveis entrelaçamentos entre o tratamento literário do assunto e o dado biográfico em obras de autores que cometeram suicídio – questão que se configura como outra possibilidade de abordagem, na medida em que permite investigar até que ponto se confundem os limites entre experiência biográfica e produção literária naqueles escritores que abordaram o tema e acabaram por tirar suas próprias vidas. No caso de Sylvia Plath, além de seus poemas, há também o romance *A redoma de vidro*, baseado em experiências vividas por ela aos dezenove anos de idade. Por meio de seu alter ego, Esther Greenwood, que é narradora-protagonista do romance, a autora relata uma crise de depressão, e vários 'ensaios' de tentativas de suicídio, que culminam naquela que foi a mais séria antes da derradeira: sua tentativa de autoaniquilamento por meio da ingestão de aproximadamente cinquenta pílulas (Plath, 2014). Para além da proximidade com o fato vivido, esse romance, somado aos poemas, ressalta que o tema era objeto de reflexão constante também em suas experiências cotidianas.

d) Uma quarta possibilidade de análise diz respeito a interpretações do suicídio na matéria literária enquanto fuga, performance, espetáculo, afirmação da liberdade individual ou de outros princípios. No romance *Graça infinita* (1996), do suicida D. F. Wallace, por exemplo, encontramos um personagem como James O. Incandenza. Espécie de guru da indústria do entretenimento, dono de uma filmografia longa e excêntrica, e de um histórico de abuso de álcool, o personagem, chamado por seus filhos de 'Sipróprio', prepara cuidadosamente o cenário em que perpetrará seu autoaniquilamento: abre, com uma broca larga e uma serra, um buraco em um forno de micro-ondas, atravessa sua cabeça pelo orifício, lacra os vãos restantes com papel alumínio, e liga o aparelho. Resultado: a pressão das ondas sobre o crânio no espaço fechado provoca uma explosão, e pedaços de cabeça e forno são espalhados por todo o cenário. A engenhosidade na preparação e execução do ato parece consistir num tributo à sua fama de cineasta que sempre lançou mão de recursos inusitados para realizar suas obras. E há, ainda, um segundo tributo: caída próxima à cena do suicídio, uma garrafa de Wild Turkey, deixada pela metade, atesta sua 'homenagem' final à relação abusiva com a bebida alcoólica. O romance não apresenta uma representação direta do episódio. Tomamos conhecimento dos detalhes a partir de um relato feito por seu filho, Hal, que foi quem encontrou os restos do pai (Wallace, 2014). No conjunto, o suicídio de James Incandenza assume ares de espetacularização: uma obra de arte final a coroar sua trajetória.

Outro exemplo é Kiríllov, o mais célebre suicida de Dostoiévski (no romance *Os demônios*, de 1872). O personagem se mata com um tiro na têmpora (Dostoiévski, 2004), realizando com o ato o último passo de sua argumentação sobre a inexistência de Deus. Ainda, em *O mundo se despedaça* (1958), de Chinua Achebe (1994), o protagonista Okonkwo acaba por se enforcar ao perceber que sua tribo não tentará resistir às investidas do colonizador europeu. Em ambos os casos, o suicídio acaba transparecendo como afirmação de um argumento ou ideologia.

e) Também podemos abordar as reações e perspectivas de terceiros que precisam lidar com o atentado contra a própria vida por parte daqueles que lhes são próximos. Em prefácio ao livro *Os suicidas* (2005), de Antonio Di Benedetto, Luis Gusmán observa: "O sobrevivente ao suicídio do outro carrega em si a ameaça de repeti-lo em algum momento. Mede sua vida em relação à idade do

morto" (Gusmán, 2005, p. 13). A alusão mais direta se estabelece com o próprio romance de Di Benedetto, cujo narrador-protagonista, prestes a completar 33 anos, vive à sombra do suicídio do pai, cometido quando ele tinha a mesma idade – além do histórico de outros doze suicidas na família. Vários outros romances, nesse sentido, podem ser lembrados: o narrador de *O náufrago*, de Bernhard (1996), desenvolve boa parte das reflexões que dão corpo a seu monólogo interior, apresentado em um único parágrafo, com base no suicídio – por enforcamento – de Wertheimer, seu amigo próximo (trata-se do personagem 'náufrago' que dá nome ao romance). Os três filhos de James O. Incandenza – em especial, Hal –, no há pouco mencionado *Graça infinita*, apresentam severas sequelas psicológicas causadas pelo trauma em face da morte voluntária do pai. Todas as experiências vividas pelo protagonista de *Barba ensopada de sangue* (2012), de Daniel Galera, tomam como ponto de partida o suicídio de seu pai – com um tiro de pistola. O mesmo vale para *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2010), de Evandro Affonso Ferreira, cujo narrador – um velho aguardando pelo momento iminente de sua morte, "Alimentado com leite de mãe niilista [...]" (Ferreira, 2010, p. 16) – escreve, com amargura, tendo sempre em mente o autoaniquilamento de sua progenitora: "Ficaria menos triste se ela minha mãe tivesse deixado pelo menos um bilhete elíptico com apenas três vocábulos: PERDÃO PRECISO PARTIR. Mas partiu sem dizer adeus" (Ferreira, 2010, p. 37).

Em todos esses casos, faz-se possível vislumbrar a amargura daqueles que precisam lidar com a morte voluntária de pessoas que lhes eram próximas, e análises profícuas podem ser desenvolvidas nesse sentido.

f) Quando tratamos das aproximações e distanciamentos entre a abordagem do tema a partir dos estudos literários e de outras áreas que também se debruçam sobre ele, como a filosofia, a sociologia, a psicanálise e a teologia, deve interessar-nos, principalmente, a observação de como as reflexões apresentadas em estudos dessas áreas se aplicam em abordagens poéticas, narrativas e dramáticas do suicídio, e em que medida, ou de que forma, o trato literário sobre o tema corrobora, relativiza ou contradiz tais reflexões. Como um primeiro exemplo, tomemos a análise proposta por Alvarez sobre o poema 'Daddy', de Sylvia Plath, com base em uma leitura psicanalítica, a partir do ensaio *Luto e melancolia*, de Freud:

> Na melancolia, [...] a culpa e a hostilidade são grandes demais. É como se o melancólico acreditasse que o objeto perdido, seja por motivo de morte, separação ou rejeição, tivesse sido de alguma forma assassinado por ele. O objeto, então, volta como um perseguidor interno em busca de punição, vingança e expiação. Sylvia Plath diz isso claramente e sem evasivas no poema que escreveu sobre o seu pai morto, 'Daddy':
>
> Se matei um homem, matei dois –
> O vampiro que disse que era você
> E bebeu meu sangue um ano inteiro,
> Sete anos, se você quer saber.
> Papai, você pode se deitar agora.
> Tem uma estaca no seu coração gordo e preto [...] (Alvarez, 1999, p. 113).

Nesse comentário, Alvarez procura explicitar, conforme a exposição freudiana sobre a melancolia, de que forma "[...] uma pessoa pode pôr fim à própria vida em parte para expiar a culpa que ela fantasia ter pela morte de alguém que amava, e em parte porque imagina que esse alguém que morreu continua vivendo dentro dela" (Alvarez, 1999, p. 113).

Outro exemplo pode ser construído a partir da novela *Mathilda* (1820), de Mary Shelley. A narradora, que dá nome ao texto, é uma jovem que sofre com o impulso incestuoso de seu pai – a quem ela dedicava toda a sua devoção. Após revelar seus desejos à filha, mas sem levá-los à consumação carnal, ele comete suicídio, e a própria Mathilda, desorientada tanto pela revelação quanto pela atitude extrema do pai, considera a possibilidade de tirar a própria vida. Mas há um impedimento:

> Eu acreditava que, pelo suicídio, eu violaria uma divina lei da natureza, e pensava que tinha feito a minha parte suficientemente, submetendo-me à dura tarefa de resistir à rastejante passagem das horas e dos minutos, suportando a carga do tempo que pesava sobre mim de uma forma terrível e abstendo-me do que, em meus momentos mais calmos, eu considerava um crime [...]. Havia períodos, horríveis, durante os quais eu me desesperava e, então, duvidava da existência de todo dever e da realidade do crime, mas estremecia e afastava-me depressa das lembranças (Shelley, 2016, p. 88).

Mathilda implora pela morte em suas orações, mas não se sente autorizada a cometer o autoaniquilamento por considerá-lo crime contra 'uma divina lei da natureza'. Há, nessa concepção, um argumento teológico, de modo que a novela pode ser estudada em diálogo com a interdição do ato conforme muitos autores da teologia. A solução encontrada por Shelley diante do impasse segue o mesmo caminho: sua protagonista acaba adoecendo, e morre por 'vias naturais', sem infringir as leis divinas.

g) Há também a possibilidade de se pensar diálogos entre o suicídio na literatura e em outras manifestações artísticas, tais como pintura, cinema e música. O filme australiano *2:37* (2006), dirigido por Murali Thalluri, é um bom exemplo. Logo na primeira cena, temos a impressão de que alguém se suicidou no banheiro de um colégio. Na sequência, vários recortes apresentam o cotidiano de alguns estudantes nesse mesmo ambiente, todos com possíveis motivos para tirar a própria vida: um garoto que possui incontinência urinária, e sempre suja as calças em sala de aula; outro que é representativo da virilidade masculina, líder do time de futebol americano e namorado da garota popular do colégio, sentindo-se obrigado a esconder sua homossexualidade; uma garota que é estuprada pelo próprio irmão e engravida. No total, são seis casos. Os recortes de cenas são compostos ora mostrando *flashes* de situações vividas por esses personagens, ora colocando-os diante da câmera, em gravações em preto e branco, como se eles estivessem dando um depoimento. Ao final do filme, descobrimos que nenhum dos seis era o suicida do banheiro: tratava-se de uma garota, Kelly, cuja vida sequer havia sido contemplada na narrativa. A personagem aparece timidamente em algumas cenas, e o motivo que a leva ao ato derradeiro é justamente o fato de ela se sentir invisível, negligenciada. A última cena mostra o suicídio em tons bastante naturalistas: Kelly se tranca no banheiro, e, munida de uma tesoura, abre uma ferida em seu pulso. A partir daí, nós a vemos sangrar até a morte, lentamente, acompanhando seus espasmos finais, enquanto o sangue se projeta pelo piso.

O filme se abre ao diálogo com a literatura tanto no tocante à sua composição estética quanto à temática. No primeiro caso, por conta de sua estrutura narrativa pouco usual, é pertinente abordá-lo a partir das teorias da narrativa, talvez considerando, principalmente, sua fragmentação composicional, que acaba por refletir a subjetividade fragmentada dos personagens. Quanto à temática, o suicídio entre adolescentes – cada vez mais presente em discussões nas mídias e redes sociais – também é tratado em obras literárias, sendo possível o desenvolvimento de uma análise comparada. *As virgens suicidas*, de Eugenides, conta a história da família Lisbon: cinco irmãs, adolescentes, sufocadas pela concepção arcaica, excessivamente patriarcal, de educação e disciplina a que são submetidas sob o jugo de seus pais (a mãe, principalmente), acabam se suicidando: Mary e Therese, com remédios para dormir; Cecilia, atirando-se do segundo andar do sobrado dos Lisbon em direção a uma cerca pontiaguda; Bonnie, enforcada, e Lux, asfixiada com o gás do carro (Eugenides, 2013). A possibilidade de aproximação com *2:37* se estabelece, por exemplo, ao observarmos os motivos que levam adolescentes a optar pelo autoaniquilamento. Ainda mais pertinente, nesse sentido, é o romance *Os 13 porquês* (2007), de Jay Asher (2009), cujo suicídio da protagonista, Hannah Baker, está diretamente vinculado, a exemplo do filme de Thalluri, ao ambiente educacional, envolvendo questões como *bullying*, assédio sexual e sentimento de rejeição. Vale mencionar que os dois romances ganharam adaptações, respectivamente para o cinema e a televisão.

Outro exemplo, consideravelmente inusitado, é um disco de *heavy metal* recentemente lançado pela banda The Reticent. O disco em questão, *On the Eve of a goodbye* (2016), apresenta, faixa a faixa, uma sequência narrativa que mostra as últimas 24 horas de Eve, uma garota que se suicida. Desde o título, percebemos o esmero estético na concepção da obra, por meio do jogo possível com a palavra Eve, que, além do nome da suicida, é substantivo em língua inglesa que significa 'véspera'. O título do disco, assim, pode ser traduzido como 'Na véspera de um adeus', sem que se perca a percepção de que o nome da personagem também se inscreve nele. Um jogo semelhante aparece no título da última faixa do disco, 'For Eve' – literalmente, 'para Eve' –, que se aproxima da expressão *for ever* ('para sempre'), talvez indicando que a personagem sempre será lembrada, ou que sua ausência sempre será sentida. O eu-lírico dessa narrativa em versos é um amigo que sofre pela perda de Eve, e as músicas acompanham seu trajeto até o funeral da personagem (*Funeral for a firefly*), chegando até o dia seguinte (*The day after*). Nesse momento de solidão, alternando passagens instrumentais, líricas e vocais de passividade melancólica com outras de uma raiva incontida – "Por que você teve que morrer? Por que você foi embora?" (Reticent, 2016), versos mais berrados do que cantados –, o eu-lírico escuta, em uma projeção quase enlouquecedora, a voz da suicida provinda de seu túmulo, materializada por um vocal feminino. O pungente da situação atinge seu ápice no reconhecimento contido em versos como: "Não há mais 'eu e você'. Há apenas 'eu', conversando com fantasmas". (Reticent, 2016, grifos do autor).

O mesmo vale para a maneira como a banda escolhe representar o suicídio de Eve no disco: este acontece durante a faixa intitulada *The decision*. Logo após uma súplica do eu-lírico – "O que você está fazendo? Por favor, não faça isso! Espere, apenas me ouça... Você não precisa fazer isso. Por favor, não! Por favor, não!" (Reticent, 2016), em um

movimento crescente, o andamento instrumental se torna cada vez mais pesado e dissonante, e o volume do som também aumenta gradativamente. Esse ríspido caos sonoro que dá lugar à música, representando os últimos instantes de vida da personagem, é, então, cortado bruscamente, como se a faixa possuísse um defeito, estivesse incompleta... Nesse momento, sabemos que Eve se matou. Considerando que o disco se apresenta em forma de narrativa, e também o trato poético a ela conferido – tanto em se tratando das letras quanto da própria construção instrumental –, torna-se convidativo abordá-lo a partir das teorias da narrativa e da poesia. Além disso, a situação apresentada consiste em ótimo exemplo para se pensar a reação daqueles que foram deixados, conforme comentamos acima.

h) A composição de mapeamentos também se faz pertinente, e as possibilidades que se abrem para essa atividade são inesgotáveis. Por exemplo, compor um quadro mapeando a questão do suicídio em literaturas de autoria feminina (em recortes de tempo diversos), ou em manifestações da literatura pós-colonial, em gêneros literários específicos, autores e obras do Romantismo, obras que tratam de guerra, narrativas góticas, narrativas fantásticas, etc. Recuperando o tópico anterior, é igualmente importante observar a ocorrência da morte voluntária em personagens literários que são adolescentes, personagens femininas, homossexuais, não brancos, personagens que pertencem a uma elite intelectualizada, à classe média, que vivem em situação de extrema miséria, heróis e vilões (clássicos e modernos), protagonistas, coadjuvantes, e muitos outros. Ainda que, à primeira vista, de cunho mais quantitativo e 'generalizante', estudos desse tipo ajudariam a trazer visibilidade para a notável expressividade com que o tema é tratado na literatura – apontando para a necessidade de se desenvolver mais pesquisas a respeito. Mais importante, viabilizariam um entendimento sistematizado sobre como orientações estéticas específicas abordam a questão, bem como de que forma, e com que frequência, estas retratam o suicídio em grupos sociais e culturas específicas.

i) Por fim, consideremos confluências entre o tema da morte voluntária e outros temas afins na matéria literária, como a depressão, o trauma, o vazio, o silêncio, a angústia ou a melancolia. O recorte que aqui apresentamos diz respeito, especificamente, à questão da depressão. A peça *Psicose 4:48* (Kane, 2017), da dramaturga Sarah Kane, não apresenta uma representação explícita do autoaniquilamento, mas é inteira construída ao redor do tema, mostrando as torturas de uma subjetividade atormentada pela depressão. Pouco tempo depois de finalizar a peça, a autora se mataria enforcada com os próprios cadarços enquanto estava internada em uma clínica de observação para suicidas. Logo no início de seu amplo estudo sobre a depressão, Solomon pondera: "Na depressão, a falta de significado de cada empreendimento e de cada emoção, a falta de significado da própria vida se tornam evidentes. O único sentimento que resta nesse estado despido de amor é a insignificância" (Solomon, 2014, p. 15).

Esse sentimento se reflete em várias passagens da peça de Kane, como a seguinte:

> Eu estou triste
> Eu sinto que o futuro é desolado e as coisas não podem melhorar
> Eu estou entediada e insatisfeita com tudo
> Eu sou um completo fracasso como pessoa
> [...]
> Eu quero me matar
> Eu costumava conseguir chorar, mas agora estou além das lágrimas
> Eu perdi o interesse em outras pessoas
> Eu não consigo tomar decisões
> Eu não consigo comer
> Eu não consigo dormir
> Eu não consigo pensar
> Eu não consigo superar minha solidão, meu medo, meu nojo
> [...]
> Às 4.48
> quando o desespero vem
> eu vou me enforcar (Kane, 2017, p. 7-8).

Além disso, sendo a depressão via de regra abordada e 'tratada', em termos científicos e médicos, por profissionais da área da saúde, devemos observar de que forma o maníaco-depressivo e suicida se comporta com relação a essa possibilidade de ajuda/tratamento. No caso de *Psicose 4:48*, temos, por exemplo, a seguinte passagem:

> Médicos inescrutáveis, médicos sensatos, médicos estranhos, médicos que você pensaria serem as porras dos pacientes se não te provassem o contrário, fazem as mesmas perguntas, colocam palavras na minha boca, oferecem curas químicas para angústia congênita e livram os rabos uns dos outros até eu querer gritar por você [...], que mentiu e disse que era legal me ver. Que mentiu. E disse que era legal me ver. Eu confiei em você, eu amei você, e não é te perder que me machuca, mas sim essa sua porra de falsidade na cara-dura mascarada em notas médicas (Kane, 2017, p. 10-11).

O trecho é emblemático do acento amargo e irônico com que a autoridade da medicina/psicologia é tratada por aquele que, recuperando uma expressão de Alvarez (1999, p. 127), se encontra no "[...] mundo fechado do suicídio [...]", como se pretendendo expressar que qualquer ajuda ou

entendimento ofertados por essa suposta autoridade quedam muito aquém de eventuais possibilidades de compreensão e intervenção. Este parece ser um padrão recorrente: também em *As virgens suicidas*, *A redoma de vidro* e *Graça infinita* – os dois últimos diretamente vinculados à questão da depressão – encontramos o mesmo tom de deboche quanto à possibilidade de ajuda ofertada por psiquiatras e psicanalistas.

Direcionamentos teórico-críticos

Não possuímos uma teoria especificamente literária para servir-nos de suporte nessas análises. O livro de Alvarez, sempre nosso ponto de partida, é talvez o mais próximo que já chegamos de uma 'teoria do suicídio na literatura'. Ainda assim, o teor das reflexões apresentadas pelo autor, a abrangência de sua abordagem sobre a morte voluntária em âmbitos diversos, e alguns comentários dedicados a casos particulares, talvez devam ser tomados, em conjunto, mais como um suporte crítico – obviamente, de valia inestimável – do que teórico.

Para além dele, temos contribuições específicas de alguns autores que se dedicaram à produção literária, mas que se aproximam mais do texto filosófico, como é o caso de *O mito de Sísifo* (1942), de Albert Camus (2008), e a pequena seção intitulada '*Rencontres avec le suicide*', presente no volume *Le mauvais démiurge* (1969), de Cioran (1979) – este de caráter mais aforístico, aquele de inclinação notadamente ensaística. Ainda, *Pólen* (1799), de Novalis, que não trata especificamente do suicídio, parece apresentar em germe uma possível teorização sobre o tema, também em tom mais filosófico: "O ato filosófico genuíno é suicídio; tal é o real começo de toda filosofia, nessa direção vai todo o carecimento do novato filosófico, e somente esse ato corresponde a todas as condições e características da ação transcendental" (Novalis, 2001, p. 31).

Quanto à obra *A Nova Heloísa* (1761), de Jean-Jacques Rousseau, ainda que se costume tratar as epístolas XXI e XXII (Rousseau, 2008), que discutem o autoaniquilamento, como pertencentes ao âmbito da filosofia, o compreendemos aqui muito mais como um trato literário/ficcional do tema, pois, ainda que o conteúdo seja de inclinação filosófica, trata-se evidentemente de um romance epistolar. Por fim, o *Biathanatos* (1608), do poeta John Donne (1982), é claramente um ensaio de orientação filosófica e teológica.

Levando em conta essa aparente diluição dos limites entre texto literário e filosófico, devemos observar que, no que pese não possuirmos uma teorização especificamente literária sobre a morte voluntária, a literatura sempre apresenta grande abertura para um diálogo profícuo com outras áreas do conhecimento, e é nessa possibilidade de diálogo que encontraremos suporte teórico-crítico para o estudo do assunto. Alguns exemplos de como o suicídio na literatura pode ser analisado em conjunto com perspectivas de outras áreas já foram demonstrados mais acima. Resta-nos, agora, enumerar algumas obras que servem a esse propósito. Diante do amplo quadro de títulos a seguir, vale mencionar novamente que, a princípio, não há determinantes históricos ou de outra ordem no processo de apropriação desses estudos em suporte a análises literárias. Desde que observadas as exigências ou necessidades do próprio *corpus*, direcionamentos teórico-críticos variados podem ser estabelecidos para a pesquisa sobre uma mesma obra.

Na filosofia, além dos textos de Camus, Cioran, Novalis e Donne mencionados acima, todo o material compilado no volume organizado por Fernando Rey Puente oferece grandes contribuições. Destacamos, nesse quadro, o terceiro capítulo do Livro II dos *Ensaios* (1580) de Montaigne (2008), e principalmente o ensaio 'Sobre o suicídio', capítulo 13 da obra *Parerga e Paralipomena* (1851), de Schopenhauer (2008). Apesar de Puente não trazer, no livro, nenhum texto de Nietzsche sobre o assunto, seu ensaio introdutório apresenta um resumo sobre comentários dispersos na obra do filósofo alemão. Segundo o autor, a aprovação da morte livre (*Freitod*) em Nietzsche

> [...] aparece em diversas passagens esparsas de suas obras mais importantes, em alguns conhecidos parágrafos ou aforismos das mesmas, como, por exemplo, o de número 157 de *Além do bem e do mal*, que diz: "O pesamento do suicídio (*Selbstmord*) é um forte consolo: com ele podem-se atravessar muitas noites difíceis." Mas, talvez o trecho mais conhecido de uma obra de Nietzsche que trata do suicídio seja o discurso de Zaratustra sobre a morte livre. No início desse discurso Zaratustra afirma: "Muitos morrem demasiadamente tarde e outros demasiadamente cedo. Ainda soa estranha a doutrina: 'morra no tempo certo!'. Morra no tempo certo: assim ensinava Zaratustra (Puente, 2008, p. 41).

Dos lábios de Zaratustra é proferida, portanto, a consonância de seu criador com a reflexão apresentada, muito antes, por Sêneca (que viria a cometer suicídio, tendo sido forçado ao ato mediante acusação de ter conspirado contra Nero), na epístola 70 das *Epístolas a Lucíolo*, VIII (escritas entre os anos 63 e 65): "[...] não é sempre que a vida deve ser conservada; na verdade, bom não é viver,

mas viver bem. Assim, o homem sensato viverá o quanto deve e não o quanto pode" (Sêneca, 2008, p. 67-68).

Também ausente na compilação de *Os filósofos e o suicídio*, mas comentado por seu organizador, temos Paul Ludwig Landsberg (1951 apud Puente 2008) , autor do ensaio *Le problème moral du suicide* (1942). O pouco conhecido *Les jours d'exil*, de Ernest Cœurdoroy (1856), apresenta uma seção intitulada '*Marina: sur le suicide*' (1855). Além disso, não discutindo especificamente o tema do suicídio, mas refletindo sobre questões análogas, podemos tomar mão das contribuições de Sören Kierkegaard (2007a; 2007b) em *O conceito de angústia* (1844) e *O desespero humano* (1849). Por fim, o próprio 'O suicídio e a filosofia', de Puente, é um ótimo introito ao assunto no âmbito dos estudos filosóficos, oferecendo um panorama consistente e uma série de indicações para leituras posteriores.

Da teologia, tendo em vista que muitos dos trabalhos escritos sobre a morte voluntária acabam sendo lidos também como ensaios filosóficos, limitamo-nos a recuperar alguns autores e obras mencionados nas últimas linhas: Kierkegaard, por exemplo, é um nome representativo em ambas as áreas do conhecimento, e o *Biathanatos*, de Donne, como já observamos, também se presta tanto à apreciação filosófica quanto à teológica. Para além deles, não podemos deixar de mencionar as duas maiores autoridades da Igreja, donos de um legado determinante para a condenação do ato derradeiro na posteridade: Agostinho de Hipona (2007) e Tomás de Aquino (2008), que abordam o assunto, respectivamente, em *A cidade de Deus* (426) e na *Suma Teológica* (1485). O quadro de teólogos que se investiram da herança deixada por esses dois pioneiros é extenso demais para abordarmos aqui.

Da mesma forma, áreas como a antropologia, a sociologia e a psicologia (as duas últimas, em especial) são, provavelmente, aquelas que têm rendido o maior número de estudos sobre a morte voluntária. Via de regra, no entanto, tais estudos remetem geralmente a algumas obras fundamentais provindas de cada um desses campos do conhecimento. O ponto de partida incontestável nos estudos sociológicos sobre o tema, por exemplo, é o célebre *O suicídio: estudo de sociologia* (1897), de Émile Durkheim (2000). Transitando entre a sociologia e a antropologia, e apresentando ainda discussões políticas em tom anarquista, podemos mencionar *Suicídio: modo de usar* (1983), de Claude Guillon e Yves Le Bonniec (1984). O recente volume *O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão* (2001), de Andrew Solomon, trata mais especificamente da depressão, mas apresenta um capítulo específico intitulado 'Suicide', e também oferece um panorama diversificado que transita pelas três áreas aqui enumeradas. O mesmo pode ser dito sobre *Suicide and attempted suicide* (1964), de Erwin Stengel, que, apesar de se filiar muito mais à psicologia, também estabelece relações com a antropologia e a sociologia. Acrescentamos, ainda, o estudo de Geo Stone (2001) que carrega o mesmo título de Stengel, *Suicide and attempted suicide* (1999), *The encyclopedia of suicide* (2003), de Glen Evans e Norman Farberow, e *The anatomy of suicide* (1840), de Forbes Winslow. Percorrendo a tangente, mas apresentando possíveis diálogos com o tema, devemos lembrar de *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza* (2012), de Jean Starobinski (2016), e do célebre *A anatomia da melancolia* (1631), de Robert Burton (1883).

Considerando a área da psicologia mais especificamente, o conhecido ensaio de Sigmund Freud (2013) intitulado 'Luto e melancolia' (1915) continua a ser o grande paradigma. A quantidade de pesquisas e estudos de caso que seguem a esteira do pai da psicanálise é imensurável. Pelo volume significativo do trabalho, e pela abrangência da abordagem, um título que pode ser mencionado como relevante na psicologia é *The international handbook of suicide and attempted suicide* (2000), de Keith Hawton e Kees van Heeringen (2006). Ainda, Edwin Shneidman, fundador *do Los Angeles Suicide Prevention Center*, é autor de vasta bibliografia sobre o assunto na área.

Paralelamente a esses materiais que fornecem um suporte mais teórico, temos também alguns estudos em crítica e análise literária que abordam o assunto. Nesse sentido, vale menção, principalmente, *Surviving literary suicide* (1999), de Jeffrey Berman, que trata de autores suicidas e do impacto causado por suas obras; ou, ainda, trabalhos que se debruçam sobre autores específicos, como é o caso de *Suicide century: literature and suicide from James Joyce to David Foster Wallace* (2017), de Andrew Bennett, e *A poética do suicídio em Sylvia Plath* (2003), de Ana Cecília Carvalho.

Por fim, retornando à questão da ausência de teorizações propriamente literárias sobre a morte voluntária, gostaríamos de encerrar nossas reflexões indicando, sem oferecer maiores discussões, três temas que, parece-nos, merecem um futuro desdobramento teórico em nossa área de estudo. O primeiro deles é a questão da representação do suicídio na literatura. Ainda que tenhamos, mais acima, proposto sugestões de análises direcionadas a esse aspecto (e, de fato, o consideramos uma possibilidade de abordagem muito pertinente), ele possui uma dimensão teórica que precisa ser aprofundada, no sentido de se discutir até que ponto

– e de que forma, ou por via de quais mecanismos – a obra literária pode efetivamente representar algo tão limítrofe quanto um ato que põe fim a uma existência voluntariamente. Merece igual atenção a questão de se pensar a própria escrita literária como um suicídio – talvez uma espécie de autoaniquilamento simbólico que, por um lado, pode impedir e/ou substituir o ato em si, ou, em via oposta, acabar acelerando o processo de autodestruição, como no caso já mencionado de Sylvia Plath –, também carente de um aprofundamento em termos mais teóricos. A respeito desses dois temas, já propusemos uma breve reflexão inicial[4]. Em terceiro lugar, devemos também considerar uma possível teorização sobre as relações entre suicídio e amor no Romantismo como realização da busca transcendental pela verdade[5]. Considerando a condição de ponto de partida em que nos encontramos, o desenvolvimento de estudos de orientação teórica sobre essas três questões ajudará a fornecer maior fundamentação para a condução de futuras pesquisas.

Considerações finais

O estudo do suicídio na literatura é, em grande parte, um trabalho ainda por fazer. O tema é sempre atual sempre controverso, e a literatura, possuidora de intimidade notória com questões delicadas e espinhosas, oferece condições e e subsídios dos mais adequados para a realização da empresa. A título de encerramento, devemos repetir que não estamos desconsiderando o fato de sempre ter-se empreendido estudos literários esparsos sobre o tema, mas sim propondo que estes sejam consolidados em uma cultura de abordagem mais consistente sobre o suicídio em nossa área de atuação. Da mesma forma, tanto os operadores de leitura propostos, quanto o quadro de referências teórico-críticas, e também a seleção de possíveis temas para desdobramentos teóricos, limitam-se ao âmbito da sugestão. Obviamente, além das direções aqui apontadas, muitas outras podem ser acrescentadas no desenvolvimento desse percurso[6].

Referências

Achebe, C. (1994). *Things fall apart*. New York, NY: Anchor Books.

Agostinho. (2007). *La Ciudad de Dios* (1º). (6a ed., S. S. D. Rio, & M. F. Lanero, Trad., Obras completas de San Agustín, XVI. Edicion bilingüe). Madrid, ES: Biblioteca de Autores Cristianos.

Alvarez, A. (1999). *O deus selvagem: um estudo do suicídio*. (S. Moreira, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

André, W., & Souza, G. R. (2017). O suicídio e a literatura. In *Anais do 1º Encontro Nacional de Diálogos Literários: um olhar para as poéticas contemporâneas* (p. 459-467). Campo Mourão, PR.

Aquino, T. de (2008). Suma de Teologia IIª II, Q. 64, a. 5. In F. R. Puente (Org.), *Os filósofos e o suicídio* (p. 77-82, F. R. Puente, Trad.). Belo Horizonte, MG: UFMG.

Asher, J. (2009). *Os 13 porquês*. (J. A. Lemos, Trad.). São Paulo, SP: Ática.

Bennett, A. (2017). *Suicide century: literature and suicide from James Joyce to David Foster Wallace*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Berman, J. (1999). *Surviving literary suicide*. Amherst, MA: University of Massachusetts Press.

Bernhard, T. (1996) *O náufrago*. (S. Tellaroli). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Bortolotto, M. (2003). Homens, santos e desertores. In M. Bortolotto. *Doze peças de Mário Bortolotto* (Vol. IV, p. 59-80). Londrina, PR: Atrito Editorial.

Burton, R. (1883). *The anathomy of melancholy*. Philadelphia: E. Claxton & Company.

Camus, A. (2008). *O mito de Sísifo*. (6a ed., A. Roitman, & P. Wacht, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Record.

Carrère, E. (2002). *O bigode*. (V. Mara, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Rocco.

Carvalho, A. C. (2003). *A poética do suicídio em Sylvia Plath*. Belo Horizonte, MG: UFMG.

Cioran, E. M. (1979). Rencontres avec le suicide. Dans E. M. Cioran, *Le mauvais demiurge* (p. 71-99). Paris, FR: Gallimard.

Cœurdoroy, E. (1856). Marina. - Sur le suicide. In E. Cœurdoroy, *Jours d'exil, deuxième partie* (p. 291-325). London, UK: John Churchill.

Donne, J. (1982). *Biathanatos*: *A modern-spelling edition, with introduction and commentary by M. Rudick & M. P. Battin*. New York/London: Garland.

Dostoiévski, F. (2004). *Os demônios*. (P. Bezerra, Trad.). São Paulo, SP: Editora 34.

Durkheim, É. (2000). *O suicídio: estudo de sociologia*. (M. Stahel, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Eugenides, J. (2013). *As virgens suicidas*. (D. Pellizzari, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Evans, G., & Farberow, N. L. (2003). *The encyclopedia of suicide* (2nd ed.). New York, NY: Facts On File.

Ferreira, E. A. (2010). *Minha mãe se matou sem dizer adeus*. Rio de Janeiro, RJ: Record.

Freud, S. (2013). *Luto e melancolia*. (M. Carone, Trad.). São Paulo, SP: Cosac Naify.

Galera, D. (2012). *Barba ensopada de sangue*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Guillon, C., & Bonniec, Y. L. (1984). *Suicídio: modo de usar.* (M. Â. Villas, Trad.). São Paulo, SP: EMW Editores.

Guimaraens, A. (2001). Ismália. In I. Moriconi (Org.), *Os cem melhores poemas brasileiros do século* (p. 45). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

[4] Ver o artigo mencionado em nossa Nota de Rodapé n. 1, principalmente as páginas 464 e 466.

[5] Gabriel Pinezi (2016) apresentou algumas reflexões sobre essa questão em comunicação intitulada 'O ato filosófico genuíno é o suicídio: poesia, amor e transcendência no romantismo'.

[6] Agradecemos, por sua inestimável contribuição para a produção deste artigo em conversas travadas sobre o assunto, a Lara Luiza Oliveira (mestrado, UEM), Gabriel Pinezi (pós-doutorado, UNESP) e Gustavo Ramos de Souza (doutorado, UEL).

Gusmán, L. (2005). O mistério daqueles que se matam. In A. D. Benedetto. *Os suicidas* (p. 9-18, M. P. G. Ribeiro, Trad.). São Paulo, SP: Globo.

Hawton, K., & Heeringen, K. v. (Eds.). (2006). *The international handbook of suicide and attempted suicide*. Chichester: John Wiley & Sons.

Kane, S. (2017). *Psicose 4:48*. (W. André, & L. L. O. Amaral, Trad.). Recuperado de https://literaturasuicidio.files.wordpress.com/2017/11/psicose-4-48-sarah-kane.pdf.

Kierkegaard, S. (2007a). *O conceito de angústia* (E. N. Fonseca, & T. Guimarães, Trad.). São Paulo, SP: Hemus.

Kierkegaard, S. (2007b). *O desespero humano* (A. Marins, Trad.). São Paulo, SP: Martin Claret.

Montaigne, M. de (2008). Ensaios, Livro II, capítulo 3 (Costume da ilha de Quios). In F. R. Puente (Org.), *Os filósofos e o suicídio* (p. 83-107, F. R. Puente, & E. de Moraes, Trad.). Belo Horizonte, MG: UFMG.

Novalis. (2001). *Pólen*. (R. R. Torres Filho, Trad.). São Paulo, Sp: Iluminuras.

Pinezi, G. (2016). O ato filosófico genuíno é o suicídio: poesia, amor e transcendência no romantismo. In *VII SELLF – Seminário de Estudos Linguísticos e Literários*. Paranaguá, PR: Unespar.

Plath, S. (2010). Lady Lazarus. In S. Plath. *Ariel* (p. 45-51, R. G. Lopes, & M. C. L. Macedo, Trad.). Campinas, SP: Verus.

Plath, S. (2014). *A redoma de vidro*. (C. Mattoso, Trad.). São Paulo, SP: Biblioteca Azul.

Puente, F. R. (2008). O suicídio e a filosofia. In F. R. Puente (Org.), *Os filósofos e o suicídio* (p. 9-60). Belo Horizonte, MG: UFMG.

Reticent, The. (2016). *On the Eve of a Goodbye* (1 CD, 73 min.). Asheville, NC: Heaven and Hell Records.

Rousseau, J. J. (2008). A nova Heloísa. In F. R. Puente (Org.), *Os filósofos e o suicídio* (p. 125-148, L. M. Ribeiro, Trad.). Belo Horizonte, MG: UFMG.

Schopenhauer, A. (2008). Sobre o suicídio. In F. R. Puente (Org.), *Os filósofos e o suicídio* (p. 149-158, F. R. Puente, Trad.). Belo Horizonte, MG: UFMG.

Sêneca, L. A. (2008). Epístolas a Lucíolo, VIII, epístola 70. In F. R. Puente (Org.). *Os filósofos e o suicídio* (p. 67-74, S. M. G. Braga, Trad.). Belo Horizonte, MG: UFMG.

Shakespeare, W. (2008a). Macbeth. In W. Shakespeare, *Tragédias* (p. 331-374, C. A. Nunes, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Agir.

Shakespeare, W. (2008b). Otelo. In W. Shakespeare, *Tragédias* (p. 603-659, C. A. Nunes, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Agir.

Shakespeare, W. (2008c). Romeu e Julieta. In W. Shakespeare, *Tragédias* (p. 21-74, C. A. Nunes, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Agir.

Shelley, M. (2016). *Mathilda*. (S. Vital, Trad.). São Paulo, SP: Poetisa.

Sófocles. (2005). *Édipo rei*. (J. Melville, Trad.). São Paulo, SP: Martin Claret.

Solomon, A. (2014). *O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão* (M. Campello. Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Starobinski, J. (2016). *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza* (R. F. d'Aguiar, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Stengel, E. (1964). *Suicide & attempted suicide*. Harmondsworth, UK: Penguin.

Stone, G. (2001). *Suicide and attempted suicide*. New York, NY: Carroll & Graf Publishers.

Thalluri, M. K. (2006). *2:37*. 1h31min. Australia: Archlight Films.

Wallace, D. F. (2014). *Graça infinita*. (C. W. Galindo, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Winslow, F. (1840). *The anatomy of suicide*. London, UK: Henry Renshaw.

Received on May 31, 2017.
Accepted on April 11, 2018.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.